

LUCIO COSTA: VIDA E OBRA

RODRIGUES, Isadora Piccini.¹
BOTTEGA, Marco Antônio.²
MARTINS, Raquel Martins.³
ANJOS, Marcelo França dos.⁴

RESUMO

O presente trabalho visa expor as principais informações sobre a vida e a obra do principal idealizador do modernismo no Brasil, o arquiteto e urbanista Lucio Costa. Com uma expressiva, embora pouco numerosa, obra construída, foi líder e um grande doutrinador da implantação arquitetura moderna no Brasil. O artigo irá abordar sua trajetória, influências e características de sua produção artística, e ainda expor o seu trabalho e sua produção arquitetônica. Por meio de pesquisas bibliográficas pode-se ter acesso à série de informações que levaram a produção de um texto explicativo sobre ambos os assuntos, sendo eles ligados posteriormente entre si, assim como a exposição de ideias dos próprios integrantes do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Lucio Costa, Modernismo.

1. INTRODUÇÃO

O artigo ensaio teórico/pesquisa bibliográfica aqui apresentado, tem como objetivo relatar a vida de Lucio Costa e seu importante papel na implantação e consolidação da arquitetura brasileira moderna. Lucio Costa é a figura chave e central no quadro da arquitetura e também nas diretrizes de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Se não fosse por seu trabalho e seus pensamentos, as típicas construções sobre pilotis, sustentadas por pilares, inspirada na produção arquitetônica europeia, nunca existiriam.

Lúcio Costa deu os traços iniciais do que seria a arquitetura moderna brasileira, juntamente com Lucio Costa, a escola modernista se disseminou por todo o país, sendo ele assim, o grande

¹Acadêmico do 7º período do curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Centro Universitário FAG. E-mail: isadorapiccini@gmail.com

²Acadêmico do 7º período do curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Centro Universitário FAG. E-mail: marco.bottega@hotmail.com

³Acadêmico do 7º período do curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Centro Universitário FAG. E-mail: raaquareli@hotmail.com

⁴Professor Arquiteto, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Centro Universitário FAG. E-mail: anjos@fag.edu.br

precursor arquiteto renomado brasileiro que inspira diversas pessoas pelo mundo, além de ser um dos fundadores da historiografia arquitetônica brasileira, consagrado pela criação do Plano Piloto de Brasília.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, as perspectivas metodológicas, de caráter exploratório, serão compostas por referências bibliográficas disponibilizadas em livros, teses, artigos científicos e material online. (RUIZ5, 2002).

Segundo Antônio Severino (2006) a finalidade da bibliografia é de informar ao leitor sobre as fontes de referência para a concretização da pesquisa que resultou no trabalho escrito. Todos os documentos citados ou examinados devem ser indicados, possibilitando ao leitor diretrizes para eventuais entrancamentos sobre o tema proposto.

3. O MODERNISMO NA ARQUITETURA

O modernismo teve início na Europa e se difundiu para o Brasil por volta da segunda metade do século XX, por meio dos manifestos de vanguarda; os arquitetos modernistas buscavam o racionalismo e o funcionalismo em suas obras, poucos ornamentos, separação entre estrutura e vedação, integração da arquitetura com o entorno paisagístico, uso de pilotis gerando áreas livres, entre outros, pode-se ver em HARRISON (1999).

Esta escola teve como precursor as ideias do franco-suíço Le Corbusier, sendo ele considerado o pai dessa escola. As bases das obras provenientes do mesmo apresentam características únicas quando remete a técnicas construtivas; contudo, sendo o grande uso do concreto armado aparentando lajes grossas, brutas, um aspecto pesado, com uma estrutura minimalista, geralmente se apresenta entre meio a grandes peças de vidro dando ideia de leveza para obra, como vemos em FRAMPTON (1997).

Segundo BAKER (1998), quanto a sua forma pode ser definida como a libertação do arquiteto que poderia trabalhar com curvas, entretanto geralmente se fazia uso de formas geométricas simples, e diferentes tipos de materiais que era permitida graças ao uso de concreto

armado, geralmente apresentavam cor branca ou do próprio concreto como base. Outra característica relevante é o uso de platibandas com telhados que não aparecem ou lajes impermeabilizadas podendo ser aproveitados como terraço.

Ainda destaca BRAGA (2010) que, desse modo, essa escola foi revolucionária quanto às obras arquitetônicas pois empregava com magnitude o uso de uma técnica totalmente nova para a época, o concreto armado, sendo utilizado para diversas formas e utilidades, sem dúvida o idealizador dessa escola no Brasil foi o arquiteto Lucio Costa, que juntamente com Oscar Niemeyer projetou a atual capital do país, Brasília.

4. LÚCIO COSTA

Segundo Daltro, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa natural da cidade de Toulon, França, no dia 27 de fevereiro de 1902. Filho do engenheiro naval, almirante Joaquim Ribeiro da Costa, natural da Bahia e da amazonense Aliana Ferreira, passou grande parte de sua infância viajando, em função do trabalho do pai, residiu em diferentes países, entre os quais Inglaterra e Suíça. Estudou no Royal Grammar School, em Newcastle, Inglaterra e no Collège National, em Montreal, Suíça, conhecedor e morador de diversos países, retornou para o Brasil com seu pai em 1917 e logo foi matriculado na Escola Nacional de Belas Artes, concluindo o curso de arquitetura e pintura, em 1924, apontado como um dos arquitetos mais prestigiados do movimento neocolonial.

Com importância em tão alto grau no campo prático assim como no teórico, perpetrou uma “arquitetura desconectada das grandes novidades mundiais” (COSTA, 1995, p. 42), isto se sucedeu antes de ser influenciado pelo arquiteto Le Corbusier. Segundo Daltro, Costa tomou a direção da Escola de Belas Artes, no ano de 1929, quando deu início a uma atividade acadêmica e teórica mais intensa. Entre os alunos que frequentaram as aulas de Costa, e participaram da reformulação do curso de arquitetura, foi o arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1930, nomeado ministro da Educação e Saúde o jurista Francisco Campos, chamou para seu chefe de gabinete Rodrigo Melo Franco de Andrade de grande influência entre os modernistas de São Paulo e Rio de Janeiro, de acordo com Nobre, (2010). Por indicação deste, nomeado para dirigir a Escola Nacional de Belas Artes, o jovem arquiteto Lúcio Costa, com a missão de renovar o ensino das artes plásticas e implantar um curso de arquitetura moderna.

Segundo Nobre, (2010), ainda no ano de 1930, foi encarregado pelo governo de Getúlio Vargas para reformular o ensino na Escola Nacional de Belas Artes. Os historiadores analisam que sua performance nesse projeto foi essencial para o nascimento e solidificação da arquitetura moderna brasileira.

Como podemos ver no livro de Gomes (2007), quando Lucio Costa foi escolhido para ser arquiteto responsável pela construção do edifício que seria a futura sede do Ministério da Educação e Saúde em 1936, conhecido como Palácio Capanema, ele convenceu presidente da época Getúlio Vargas e o Ministro da Educação, Gustavo Capanema a trazer Le Corbusier ao Brasil para que o mesmo inovasse no projeto. Foi o mesmo quem fez os traços iniciais do que seria o prédio. Com isso, o Brasil se tornou referência sendo uma das maiores arquiteturas do mundo. Uma das principais inovações dispostas foi a cortina de vidro característica do prédio, foi considerado moderno por uma década seguinte. Ainda que tenha sido convidado para desenvolver o projeto do ministério sozinho, Lucio Costa dividiu a missão com uma equipe. A equipe foi formada por um ex aluno, Oscar Niemeyer e seus sócios Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy.

Na Feira Universal de Nova York, em 1939, o projeto do pavilhão brasileiro que teve como coautor Lucio Costa, foi reconhecido como um dos mais bonitos do evento, o tornando cada vez mais conhecido internacionalmente. Para que fosse escolhido qual dos arquitetos seria responsável pelo projeto foi executado um concurso que teve como resultado de Lucio Costa em Primeiro e Oscar Niemeyer em segundo. No entanto, o próprio ganhador discordou do resultado, admitindo superioridade do projeto de Oscar sobre o dele, recusando-se a realizar o seu. Por conta disso, teoricamente o projeto a ser executado seria o segundo colocado, que também se recusou, tendo como solução final um terceiro projeto feito por ambos arquitetos, surgindo assim o pavilhão que encantou todo o mundo em Nova York, segundo Munike (2014).

No ano de 1957 participou do concurso de Brasília, no qual ganhou por unanimidade.

Segundo Nobre (2010) Lucio Costa em 1960, recebe o título de Doutor Honoris Causa pela universidade de Harvard, nos Estados Unidos, a partir daí ele começa a colher os frutos dos trabalhos obtidos na década anterior, e começa a viajar pelo mundo participando de conferencias sobre urbanismo. Ele e Niemeyer trabalhando juntos tiveram muito mais prestígios do que ambos trabalhando separados, assim, a arquitetura moderna ganhou notoriedade internacional graças a execução de Oscar perante as ideias de Lucio Costa (Oscar começa a ganhar mais visibilidade com

o seu nome vinculado ao de Lucio), Costa então foi produtor dos diversos textos que trouxeram e consolidaram a arquitetura moderna no Brasil.

De acordo com Guimaraes (1996), o presidente francês Georde Pompidou, concedeu a Lúcio Costa em 1970, a maior honraria do governo francês, A Legião de Honra, no grau de “Commandeur”. O seu conhecido livro Registro de uma Vivência, um livro autobiográfico aonde reuniu projetos, ensaios críticos e cartas pessoais.

Apesar de todas essas homenagens que recebeu Lúcio Costa contou em uma entrevista ao correio Brasiliense, em 1997, que nunca ganhou o título de cidadão de Brasília.

Nobre (2010) complementa afirma que, com uma vida reclusa, Lucio Costa viveu grande parte da sua existência em seu apartamento na Av. Delfim Moreira, no Leblon, e nunca precisou de mais que isso para ser feliz, como costumava dizer. Ele sabia o valor do seu trabalho e de suas obras, e tinha consciência de que seu poder estava ao alcance de suas ideias, e assim, sempre fazia um bom trabalho. Nunca quis ter seu próprio escritório, trabalhou a vida inteira de funcionário público, quando trabalhava em seus próprios projetos gostava de projetar no próprio terreno, afirmando que só essa proximidade com o local permitiria que o arquiteto fizesse um bom trabalho. Terminou a vida com um homem notável, apesar de poucas poses, ainda jovem sofreu a morte de sua mulher em um acidente onde ele era o condutor, ficou viúvo com duas filhas pequenas, Maria Elisa e Helena, e não se casou novamente.

Ana Nobre [et al.] (2004) afirma que:

A influência de Lúcio Costa na arquitetura contemporânea brasileira foi considerável, ainda que ele não tenha exercido em tempo integral a profissão de arquiteto. [...] há vários motivos para tanto: o papel de pioneiro que ele exerceu na reforma abordada da Escola Nacional de Belas Artes em 1930-1931 e na direção da equipe do Ministério da Educação. (ANA NOBRE [et al], 2004, pg. 15)

O arquiteto faleceu no dia 13 de junho de 1998, deixando para sempre sua marca na arquitetura brasileira.

4.1. INFLUENCIAS E CARACTERISTICAS

Como aponta Segawa (1998), o pensamento referente a arquitetura moderna já aparecia em várias vertentes pelo mundo, por meados dos anos 1920 grandes nomes representantes eram Frank Lloyd Wright, nos EUA, e Le Corbusier, na França, entretanto no Brasil ainda não estava presente nas obras de nenhum arquiteto, mas sim o que predominava era o Ecletismo, como união de várias características.

O primeiro a perceber que a arquitetura estava ficando ultrapassado no Brasil, segundo Bruand (2005), foi o arquiteto Lúcio Costa, entretanto, o programa utilizado na Escola Nacional de Belas Artes ainda era o neoclássico.

Apenas anos depois, após uma viagem para Diamantina (MG), Wisnik (2007) relata que o arquiteto observou a simplicidade e a pureza da arquitetura colonial, alguns anos após essa viagem, Costa rompeu com o movimento neocolonial, e procurou uma linguagem plástica que correspondia com a tecnologia construtiva da época. Influenciado pela escola de Bauhaus e Le Corbusier, historiadores consideram que a sua atuação foi fundamental para a eclosão e concretização da arquitetura moderna brasileira. Le Corbusier foi sua maior influência na arquitetura.

Com isso rompeu com o estilo neoclássico e fez parceria com o arquiteto ucraniano Gregori Warchavchik, só então que ele construiu a primeira residência considerada moderna no Brasil.

Na época, Lucio Costa desenhava diversas “casas sem dono”, muitos nem chegavam a ser construídos, pois não conseguia trabalhos. Entretanto, estava decidido a trazer a escola moderna para o Brasil, estudou principalmente os fundamentos conceituais de Le Corbusier, considerado pai do modernismo, como pode-se ver em Harris (1976).

Costa via o modernismo como um modelo que se encaixaria perfeitamente com o país, por conta disso ele tomou frente da inserção do modernismo no Brasil. A Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, facilitou esse feito, pois teve grande impacto na arte literária das artes plásticas e arquitetura, vemos em Nobre (2010).

Aponta Guimaraens (1996), que na época Lucio Costa conseguiu assimilar elementos para que o movimento de fato acontecesse. Lia e escrevia muito para que houvesse fundamentação teórica para o mesmo, desse modo formulou conceitualmente a existência de um movimento de arquitetura moderna brasileira. A ideia era que esta escola viria aliada a identidade nacional, resgatando as raízes brasileiras com influências de países mais desenvolvidos.

Ainda segundo Segawa (1998), o trabalho de Costa é de grande sofisticação conceitual pois consegue ao mesmo tempo consertar os problemas que os modernistas das artes plásticas não

tenham sido capazes de consertar. Contudo, lembra-se que as obras de Mário e de Oswald de Andrade não deram conta desse feito com qualidade.

BRUAND (2005) afirma que apesar da Bauhaus, na Alemanha ser uma das tendências naquela época, ela logo foi descartada por requerer uma indústria já estabelecida, pois o Brasil ainda não possuía uma indústria siderúrgica. O metal se tornou inviável pelo clima brasileiro tropical, logo o concreto era mais adequado, em função do armazenamento de calor.

As características construtivas de Lucio Costa, segundo Segawa (1998), podem ser analisadas em dois momentos distintos, separadas por sua viagem a Minas Gerais. Seus primeiros projetos adotam uma prática eclética, com referências europeias, buscando referências na arquitetura brasileira dos tempos de colônia, alguns dos seus projetos manifestam uma intenção nacionalista. No projeto para o pintor Rodolfo Chambelland, Lucio Costa afirma ter utilizado o “estilo inglês”, o projeto parece ter emprestado algumas características compositivas, trazidas da arquitetura francesa, holandesa e italiana, introduzindo a ordem e a simetria, o que contrastou com a liberdade do traçado inglês. No século XIX houve maior liberdade na mistura de elementos de diferentes épocas, apresentando também um desenho mais livre e direcionado a funcionalidade. A sua produção é condizente com os demais projetos que estavam acontecendo no período. Nesse período, o neocolonial esteve inserido na prática eclética, com possibilidades estilísticas a serem adotadas, dependendo das características do projeto em questão.

No segundo momento, quando retorna de sua viagem a Diamantina (MG), escreveu um artigo, “Considerações sobre o nosso gosto e estilo” que foi publicado pelo jornal "A Noite", em 1924. Naquela ocasião seu discurso apresenta uma diferença significativa em relação aos pensamentos anteriores. Ele manifesta uma postura crítica diante da produção arquitetônica e os discursos apresentados até então. Apresentando um discurso racionalista, defende novamente a arquitetura criteriosa, defendendo a função de cada elemento, e uma posição diferente a aplicação dos estilos.

[...]. Tudo em arquitetura deve ter uma razão de ser; exercer uma função, seja ela qual for. É preciso acabar de vez com as incoerências e absurdos que, a todo momento, vemos em nossas casas. Varandas, onde mal cabe uma cadeira; lanternins, que nada iluminam; telhadinhos, que não abrigam nada; jardineiras, em lugares inacessíveis; escoras, que nenhum peso escoram. Acabar com essas pequenas complicações que a título de embelezamento e a pretexto decorativo, todo construtor se acha com o direito de ‘criar’, [...] Não é preciso que exista a preocupação de se fazer um estilo nacional. Não. O estilo vem por si. Não é necessário andar estilizando papagaios e abacaxis... basta que cada arquiteto e cada proprietário tenha sinceramente o desejo de fazer uma obra que preencha da melhor maneira possível os fins a que se destina. Uma composição que satisfaça a vista, e onde o espírito repouse. Sejamos simples. Sejamos sinceros. Evitemos a mentira. Evitemos o

ridículo. Evitemos todo excesso de complicação na arquitetura de nossas casas. (COSTA, 1924, Jornal “A Noite”)

As primeiras mudanças observadas em relação aos projetos neocoloniais, do ponto de vista de Harris (1976), são uma maior sobriedade e simplicidade conferida pela harmonia dos volumes. A partir desse período, a evolução do seu estilo se encaminha para a arquitetura modernista brasileira. Segawa (1998), afirma que o primeiro projeto que foi notado, neste período de Lúcio Costa, foi do Palácio Gustavo Capanema, segundo o autor, características da arquitetura contemporânea se aproximava da arquitetura colonial de Portugal. Dentro destas características podemos citar a simplicidade das edificações e as soluções utilizadas para que as construções se adaptassem ao clima tropical, o que refletiu na aplicação dos conceitos modernistas, como por exemplo, os terraços jardins e o uso de pilotis. Elementos esses que podem ser detectados no Plano Piloto de Brasília.

Há mais na arquitetura de Lucio que a questão da brasilidade e seu elemento característico, treliçado, *brise* ou curva. Na expressão arquitetura moderna brasileira, o gentílico vem por último; o tempo está no meio, a disciplina se destaca por primeiro. A ambição confessa de Lucio é a de contribuir à disciplina formando na linha de frente, aproveitando todas as oportunidades para evadir a marginalidade cultural do país e da marginalidade profissional. (ANA NOBRE [et al], 2004, pg. 27)

5. UMA NOVA CAPITAL PARA O PAÍS

Mais uma vez Lucio Costa e Niemeyer juntos, conforme Furtado (2010), como urbanista e projetista, respectivamente. Inicialmente o projeto de Brasília foi oferecido integralmente a Oscar Niemeyer, porém ele acreditava ser injusto ele receber de presente uma obra tão monumental, logo partiu dele a ideia de um concurso público para a projeção da nova sede do Brasil, no qual Lucio Costa Ganhou por unanimidade.

Wisnik (2007) complementa que em marco de 1957, ele derrotou vinte e cinco pessoas perante um júri internacional, justificando não ser apenas o traçado de uma cidade voltada para a administração pública, e que expressava uma vontade nacional de grandeza, que determinava o edital do concurso.

O seu trabalho estava longe de ser o mais detalhado, onde ele apenas entregou todo o projeto em esboços, em uma única prancha. Porém o seu memorial descritivo, estava de longe, umas das melhores obras que o júri já aviam presenciado.

Segundo Wisnik (2007) Ele sugeriu uma cidade parque em que o homem tivesse pleno contato com a natureza, de forma harmoniosa e com laços fortalecidos, ou seja, uma nova concepção de vida, baseada nos valores essenciais do bem estar da sociedade como um todo, com um forte impacto cívico e arquitetônico propunha uma capital arrojada e moderna, com grandes sistemas inovadores.

O plano piloto nasceu de uma singela cruz, como um símbolo de conquista territorial, ele foi adaptado a topografia do local e ao escoamento das águas. Como diria mais tarde Lucio Costa, o desenho final do eixo Norte – Sul, se tornou uma sugestão de libélula, borboleta, arco ou fecha.

Furtado (2010) afirma que a cidade contém dois grandes pontos de circulação, o Eixo Monumental, e o Eixo Rodoviário- Residencial, o primeiro vai de Leste a Oeste, e o segundo de Norte a Sul, que é cortado transversalmente pelas vias locais. O ponto alto do projeto é a setorização, que partiu de princípios básicos, visando eliminar cruzamentos. Os edifícios mais altos e aglomerados não estão locados na área central para prevalecer o intuito da paisagem horizontalizada, para que ocorra a predominância de grandes espaços livres e amplitude visual.

Furtado (2010) complementa que o projeto contém quatro escalas, a residencial, a monumental, a gregária e a bucólica, o mesmo foi planejado para 500 mil habitantes, e previu também áreas de setores culturais, jardim botânico, setor militar, centro esportivo, área universitária, quarteis, garagens de viação e para pequenas indústrias locais, além de zonas destinadas a armazenamento e abastecimento.

Tinha tudo para dar certo, mas nem tudo saiu como o previsto, a nova capital teve que ocupar a outra margem do lago que antes tivera sido construída mais perto do Lago Paranoá para evitar ocupação indevida entre a praça dos três poderes e a orla do lago (hoje já transformadas em outras regiões administrativas).

Corrêa (2005) relata que o arquiteto visitou Brasília apenas 11 vezes durante sua construção, e apenas vez após seu término. Durante a construção de Brasília, ele não teve contato direto com Oscar, onde cada uma se manteve em pontas opostas da "assa".

5.1. APÓS BRASÍLIA

Monique (2014) afirma que Lucio Costa e Oscar foram coroados pela sua reputação profissional no Brasil e no exterior, o trabalho em equipe foi possível graças ao respeito mútuo de ambos e suas capacidades. Após Brasília, Costa se recusou a assumir o Plano da Barra da Tijuca, mas depois voltou atrás aceitando apenas dar diretrizes básicas ao projeto, ou seja, arquitetos e projetistas ficavam livres, com isso, Lucio fez com que pouco visse da Barra o que havia pensado na construção.

Inteligência e perspicácia integravam a ética e eram traços marcantes da personalidade de Lucio, para Wisnik (2007), isso revela um pouco do gênio de um dos maiores arquitetos do mundo, ele era apontado como uma das pessoas com a personalidade mais difícil e centralizadora.

Guimaraens (1996) complementa que Lucio Costa conseguia encontrar talentos, como Oscar Niemeyer, Burle Marx, dentre outros, ele era considerado um intelecto, um professor que abria a cabeça de quem estava a sua volta. Ele tinha cultura e vivência que todos ali não tinham. Mais tarde Lucio Costa descobria, um jovem rapaz Burle Marx, e inicia uma parceria com ele, delegava a ele então os jardins para tornar seus projetos mais grandiosos.

Monique (2014) acredita que muitos consideram o Oscar Niemeyer mais conhecido mundialmente no Brasil, poucos associam o nome de Lucio Costa ao período, um dos motivos para tal fato se dá por uma questão de personalidade, principalmente porque Costa não tinha notoriedade pública ou popular e talvez ele mesmo não tivesse buscado isso. Já Oscar, tem a capacidade de promover a própria obra, o que pode se dizer que aprendeu com o Le Corbusier, que era o maior divulgador não só da própria obra, mas como da sua personalidade.

Monique (2014) complementa que foi com o Lucio Costa que Oscar começou seu aprendizado, estagiou com ele e participou das discussões junto com Corbusier, e foi com o projeto do Plano Piloto, já com o movimento consolidado que Lucio ganhou maior projeção, ao lado de Niemeyer, projetistas dos prédios da capital nacional.

5. AS PRINCIPAIS OBRAS DE SUA CARREIRA

5.1 PARK HOTEL

De acordo com Fracalossi (2015) o Park Hotel São Clemente, localizado em Nova Friburgo, obra concluída em 1994, é resultado de um projeto que em sua elaboração estrutural, espacial e plástica harmoniza os princípios modernistas com os fundamentos coloniais, esta obra prima, por

sua sincera legitimidade, é de grande importância histórica para a arquitetura moderna brasileira, tanto por seus grandes ensinamentos educacionais arquitetônicos que possui.

A edificação é formada por formas prismáticas de vários tamanhos e materiais, segundo Fracalossi (2015), justapostos entre si, abrigando funções distintas. Possui dois pavimentos, com dimensões razoáveis, atente um hotel de poucos quartos, que se concentram no 2º pavimento, em balanço, possuem varandas voltadas para o parque, aonde recebe o sol das manhãs. Com apartamentos que são acessados por uma circulação em sua parte posterior, compreendendo na melhor orientação climática e ambiental para os apartamentos. As áreas de convivência, são localizadas no térreo, “entre as partes fechadas, um intervalo aberto em meio aos pilotis, atravessando o seu sentido transversal, franqueando a visão de frente e fundos do terreno.” (FRACALOSSI, 2015, p. 1)

Fracalossi (2015) afirma que o maior volume é coroado por um telhado de meia água pendente ao sul, configurando seção transversal, com planta retangular alongada, sentido leste-oeste, medindo entre trinta e trinta e cinco metros por quase cinco metros, incluindo na fachada sul e nas empenas, todas em balanço. Essa estrutura foi construída por colunas toras brutas de eucalipto cuja a mesma mede vinte centímetros de diâmetro, todas as unidades contêm sacadas voltadas para o sul, em balanço, sua estrutura é coberta por blocos de suítes também feitas pelas toras de eucaliptos. Voltado para o sul, a escada de acesso social se dá através da varanda aberta para o parque, voltada para uma área de recreação, e para a recepção do restaurante.

5.2 SEDE SOCIAL DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

O projeto da Sede Social do Jockey Club, aprovado no ano em que ocorreu o concurso para a elaboração do Plano Piloto de Brasília e finalizado somente quando Brasília era consolidada. O Jockey construído entre 1956 e 1972 é um interessante oposto ao prédio do ministério, os dois elaborados pelo mesmo autor, projeto que se localiza a poucas quadras e foi realizado 15 anos antes. O Jockey e o Ministério ocupam a totalidade de uma quadra cada, na Esplanada do Castelo. Segundo Fracalossi (2015) o Jockey possui um pátio central, com uma garagem em altura e ao redor possui uma estrutura em quarteirão fechado

Com um volume multifacetado, integrando edificações justapostas ou imbricadas, uma relação às singulares características do programa. Segundo Wisnik (2007) o arquiteto direcionou a

edificação com a finalidade de aproveitar a melhor vista, com um bloco vertical a leste, a norte e sul blocos administrativos recuados, a área recreativa do complexo se estende sobre a garagem e os terraços. No programa da estrutura recreativa está incluído salões de festas, cinemas, piscinas, quadras poliesportivas, terraços com jardim e pátios. Além de salões de honra, restaurantes, salas comerciais, lojas, etc.

6. PRODUÇÃO ARQUITETÓNICA NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Durante os anos 80 e 90, Lúcio Costa realizou apenas duas obras, e duas propostas juntamente com Oscar Niemeyer. A proposta, foi a implantação dos setores culturais de Brasília. Justamente com a proposta, Costa expressa sua preocupação com o entorno, demonstrando uma arquitetura sensível, que além da edificação. (COSTA, 1995)

[...] “Sempre imaginei essas duas áreas densamente arborizadas a fim de contrastar com os extensos gramados vazios, e onde seriam deixadas abertas grandes clareiras de desafogo compatíveis com as estruturas a serem ali implantadas. Os estacionamentos arborizados seriam localizados aos fundos em toda extensão nos dois setores, Norte e Sul.” (COSTA, 1995, p. 219)

Em 1982, Costa projetou a casa de sua filha, Helena Costa, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro. A construção da casa original foi acompanhada por Lúcio Costa. O terreno sendo de encosta, “a parte da frente é solta do chão para abrigar a chegada, a de trás assentada no terreno com pátio interno” (COSTA, 1995, p. 226). Seguiram-se diversas intervenções sendo a primeira a ter pavimentação com pedra do piso gramado do pátio, e vários acréscimos. O projeto apresentado para aprovação na Prefeitura foi desenhado por Maria Elisa Costa, a outra filha do arquiteto.

Seu último projeto, em 1988, foi a casa de Edgar Duvivier e Olivia Byington, também na Gávea, Rio de Janeiro. “O terreno sendo extremamente íngreme, faz com que a casa vista da rua parece ser casa térrea” (COSTA, 1995, p. 228).

7. ANÁLISE

Lúcio Costa teve a obsessão de trazer a arquitetura moderna para o Brasil, mas isso com o bom senso cabido a ele. Acreditava que ela deveria ser imposta da maneira mais adequada para o país, para o seu povo, levando em consideração cultura e clima. Seu maior inspirador dessa arquitetura, Le Corbusier, que estava tendo dificuldades para executar seus projetos na França, em 1930, disse que a equipe brasileira tinha sorte em trabalhar em um país com poucas restrições às inovações. Foi essa “falta de restrições” que permitiu que Lúcio Costa, juntamente com outros arquitetos, principalmente seu aluno, Oscar Niemeyer, levassem a *arquitetura moderna brasileira*, algo inusitado e surpreendente, que vicejou única e tão somente aqui, encontrando formas e soluções plásticas inusitadas, ganhando por este motivo o interesse e os elogios da crítica estrangeira.

Para Lucio Costa, ser moderno era “conhecendo a fundo o passado, ser atual e prospectivo”. O moderno serviu de menção para poder continuar a progredir na linguagem arquitetônica e estrutural. É nítida a produção atual referida a postura e linguagem que tiveram suas matrizes e prédios paradigmáticos lançados pela primeira geração de modernistas brasileiros. Como se os arquitetos contemporâneos utilizassem o precioso legado modernista para voltar a atingir uma expressão inconfundivelmente brasileira, cosmopolita e internacional.

Para produzir uma arquitetura contemporânea, é necessário que exista uma relação equilibrada com o passado. Assim tendo certeza, com base na arquitetura “acadêmica”, hoje imposta nas salas de aula, pode-se afirmar que ela não voltara a ser o que era. Novos valores entusiasmados surgem na arquitetura brasileira, utilizando as experiências boas e ruins do passado, sem deixar de produzir inovações. Afinal, é o que se deseja.

Contudo, pode-se dizer que Lucio Costa teve grande importância na apresentação da vanguarda modernista para o povo brasileiro, podendo ser relacionado ao pioneirismo do mesmo no país, sendo assim, é nítido que esta escola está explícita em seus livros e obras, inspirando inúmeros profissionais e gerando admiração de inúmeros indivíduos até hoje; assim como o próprio arquiteto teve influência das ideias do pai do modernismo na Europa, Le Corbusier.

Seus primeiros projetos relacionados a esta escola ocorreram juntamente com Villa Nova Artigas e posteriormente Oscar Niemeyer, onde foram eternizados na cidade de Brasília, atual capital federal do país.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lúcio Costa associou os elementos fundamentais para concretizar o movimento. Estudou e escreveu muito para formular conceitualmente o movimento de arquitetura moderna brasileira. Em virtude de todos os seus esforços a arquitetura moderna brasileira se desenvolveu tanto. Seu trabalho é de imenso requinte conceitual. Tanto que foi capaz de solucionar as indagações literárias dos modernistas.

Por fim, podemos concluir que a peça chave para que esta escola criada por Le Corbusier na Europa viesse para o Brasil foi Lucio Costa; o que proporcionou grande avanço no campo da arquitetura para o país em ascensão, onde após a época da industrialização possibilitou com a utilização do concreto armado juntamente com diversos materiais maximizar o uso e funcionalidade de suas obras com grandes vãos e estruturas minimalistas que se inseriam com o paisagismo do entorno geralmente.

REFERÊNCIAS

BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier: Uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, Imprensa Oficial do Estado, Museu da Casa Brasileira, 2010.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005

_____. **Lucio Costa: o homem e a obra**. In: NOBRE, Ana Luiza et al (Orgs.). **Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Coleção Mestre da Arquitetura. Lucio Costa. Acessado em 07 de junho de 2016. Disponível em: <http://arquiteturaurbanismotodos.org.br/lucio-costa/>.

CORRÊA, M, S. **Oscar Niemeyer**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

COSTA, L. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Park Hotel / Lúcio Costa**. In Arch Daily Brasil, 2015. Acessado em 14 de setembro de 2016. Disponível em:

<http://www.archdaily.com.br/br/763167/classicos-da-arquitetura-park-hotel-lucio-costa>

_____. **Clássicos da Arquitetura: Sede Social do Jockey Club Brasileiro / Lucio Costa**. In Arch Daily Brasil, 2015. Acessado em 14 de setembro 2016. Disponível em:

<http://www.archdaily.com.br/br/763171/classicos-da-arquitetura-sede-do-jockey-clube-brasileiro-lucio-costa>

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FURTADO, M, B. **O concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

GOMES, L. PEDROSO, M. BRAGA, P. **Lúcio Costa, um gênio inovador**. Artigo. PUC – RJ: Rio de Janeiro, 2007.

GUIMARÃES, C. **Lúcio Costa um Certo Arquiteto em Incerto e Secular Roteiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HARRIS, E, D. **Riscos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Studio Nobel, 1976.

HARRISON, Charles. **Modernismo**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

Helena Daltro Pontual/**Agência Senado**. Senado Federal. Acessado em 07 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not14>.

MONIQUE, V. **Oscar Niemeyer e Lúcio Costa**. Artigo. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2014.



NOBRE, A. L. **Lúcio Costa**. São Paulo: Azougue Editorial, 2010.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SEGAWA, H. M. **Arquiteturas no Brasil (1900 – 1990)**. Edusp: São Paulo, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

WISNIK, G. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.